

Um aparente paradoxo: o conservadorismo histórico no evolucionismo de Antero de Quental

André Nunes de Azevedo.
Prof. Visitante. Departamento de História
UERJ.

Resumo. *O presente artigo tem por fim discutir como Antero de Quental percebe o processo histórico que confere à Ibéria a possibilidade de ingressar na modernidade.*

Palavras-chave: *Antero de Quental, Modernidade, Geração de 1870*

Abstract. *The present article addresses the issue of how Antero de Quental perceives the historical process which has led Iberia into Modernity.*

Keywords: *Antero de Quental, modernity, generation of 1870*

Antero de Quental nasceu em 1842, em uma família nobilitada no arquipélago dos Açores. Ocupa um papel de destaque em meio ao grupo de intelectuais portugueses da chamada geração de 1870. Se o seu amigo Eça de Queiroz conquistou maior sucesso como lieterato, Antero, sem dúvida, foi o mais destacado tribuno de sua geração. Estudante rebelde da Universidade de Coimbra, onde cursara direito, desafiou o tradicional sistema acadêmico português em uma carta missiva ao então reitor Feliciano de Castilho, de título "Bom senso e bom gosto", que ficou conhecida como a questão coimbrã. Liderou a série de conferências do cassino lisbonense, nas quais o grupo de 1870 atacou o sistema intelectual luso e a organização política, econômica, social e cultural do país, reputada como decadente. O jovem Antero da década de 70 e seu grupo de amigos, entre os quais contavam intelectuais como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, defendiam a união entre letras e política, a fim de enfrentar o que entendiam como "O atraso de Portugal diante da Europa culta". Embora todos esses intelectuais tenham erguido esta bandeira de luta, Antero foi, sem dúvida, aquele que propugnou com mais radicalidade a articulação entre essas duas esferas, chegando mesmo a afirmar: "*a poesia moderna é a voz da revolução - porque revolução é o nome que o sacerdote da história, o tempo, deixou cair sobre a fronte fatídica do nosso século*"(p. 44).

No entanto, a concepção de revolução, na definição do próprio Antero, é dissonante com aquela concebida pelos socialistas de seu tempo. Distante do conceito

político de revolução que embalava a época com a onda de sublevações de 1848 e o levante popular da comuna de Paris de 1870, o jovem açoriano pensava este fenômeno político não como uma ruptura radical com o passado, que surge cortando o tempo para a inauguração do "novo", mas como um movimento evolutivo das coisas. No dizer do próprio Antero: *"As grandes revoluções são apenas séries de evoluções"*. (p. 66).

A palavra evolução rescinde ao latim *evolutione*, que significa *"ato de desenrolar, de percorrer, de ler"*¹. Na língua portuguesa, ela surge dicionarizada pela primeira vez em 1832, por Luís Maria da Silva Pinto², aparecendo apenas como: *"o movimento e figura que se manda fazer à infantaria e cavalaria"*, tendo, à época, portanto, conotação de manobra militar. Esse significado permaneceria ainda até a 6a. edição do dicionário Moraes, de 1858. A palavra só passa a adquirir novo sentido após a publicação da "Evolução das espécies", do naturalista britânico Charles Darwin, em 1859. Essa nova expressão do termo aparece lexicografada pela 1a. vez em língua portuguesa no ano de 1877, na 7a. edição do dicionário Moraes, assim notada para além de sua referência militar:

*".... O desenvolvimento de um órgão até a sua completa formação. Evolução histórica ou simplesmente evolução; desenvolvimento e aperfeiçoamento progressivo das sociedades e sua civilização numa ordem determinada. **Evolução orgânica; sistema fisiológico, cujos partidários supõe que o novo ser que resulta do ato da geração, preexistia a esse ato.** Evolução política-social; desenvolvimento progressivo no espírito público de idéias políticas, ou sociais, de modo a conseguir o seu triunfo sem a violência das revoluções."*³

Como pode ser percebido em uma primeira leitura, o texto explicativo do verbete evolução revela uma ampliação da abrangência semântica do termo. Em primeiro lugar, a idéia de evolução tem aí um sentido de organicidade: *"O desenvolvimento de um órgão até a sua completa formação"*. Portanto, a idéia presente

¹ Cf. José Pedro Machado. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 2a. ed. Rio de Janeiro: Confluência, 1967. Verbetes evolução.

² Cf. Luís Maria da Silva Pinto. Dicionário da língua brasileira. Ouro Preto. Typographia de Silva, 1832. Verbetes. Evolução.

³ Cf. António Moraes Silva. Dicionário da língua portuguesa. 7a. ed. Lisboa, empresa litterária fluminense, 1877. Verbetes evolução. Grifo meu.

é alusiva não somente a uma mera coisa, mas, antes, à uma coisa que constitui um todo articulado, um *organon*, um corpo no qual as individualidades encontram-se visceralmente ligadas, perfazendo um elemento uno. Dentro desta mesma idéia, o texto segue mais adiante: "*Evolução orgânica; sistema fisiológico, cujos partidários supõe que o novo ser que resulta do ato da geração, preexistia a esse ato.*" Aí percebe-se a relação aristotélica entre ato e potência, cujo trecho porta. E é aí que reside um dado fundamental no sentido da palavra evolução, que a diferencia, por exemplo, da idéia expressa pelo termo congênere progresso. Se o segundo indica uma projeção adiante que prescinde do passado⁴, o primeiro não só não o faz, como deriva a sua constituição íntima da própria historicidade. A evolução de alguma coisa supõe, portanto, o movimento orgânico de uma historicidade. A coisa que evolui só o faz por conter em si historicidade, por ser portadora de uma tradição⁵ que precede e constitui intestivamente o seu próprio movimento.

Como havíamos indicado, o termo evolução ganha o seu significado moderno a partir de Charles Darwin. Este, ao estudar as espécies animais de **Galápagos**, o fez percebendo no fenômeno natural "especie animal" a presença de uma historicidade, o que redundou em sua teoria da evolução das espécies. Lembremo-nos que a área de conhecimento que estuda a vida é denominada História Natural.

Por fim, um terceiro trecho do verbete merece destaque. Aquele que relaciona a evolução ao desenvolvimento político, social e das idéias, sem, contudo, incorporar a cesura abrupta suposta pela idéia de revolução. Ei-lo: *Evolução política-social; desenvolvimento progressivo no espírito público de idéias políticas, ou sociais, de modo a conseguir o seu triunfo sem a violência das revoluções.*

Sem dúvida, para um intelectual que recepcionou as idéias hegelianas em Coimbra⁶ e vivenciava o impacto das idéias de Darwin no continente europeu, não foi

⁴ Ver o verbete progresso nesta mesma edição de 1877 do dicionário Moraes. Para uma à reprodução deste texto e a sua discussão, ver: André Nunes de Azevedo. Da Monarquia à República. Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. (mimeo.).

⁵ O conceito de tradição que utilizamos neste artigo é o de Hans George Gadamer, e refere-se a palavra alemã *überlieferung*. Ver: Hans G. Gadamer. Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁶ Segundo Saraiva, no período do seu bacharelado em Direito na Universidade de Coimbra, Antero de Quental teve contato com o pensamento hegeliano, que o teria marcado intelectualmente. Ver: José Hermano Saraiva. História concisa de Portugal. Lisboa: Verbo, 1981.

sem propósito a seleção do termo evolução para notar o seu conceito de revolução: revolução como série de evoluções. Tendo claro para si a relevância da historicidade na formação das nações e, em particular, o peso da tradição na Ibéria, Quental dimensiona que o ingresso de Portugal na modernidade dar-se-ia por uma via particular. Esta, longe de repugnar a sua própria tradição como condição para o ingresso do país na modernidade, acentuava a mesma como pré-requisito, elemento primordial para tanto. Assim, para Antero de Quental, fez-se fundamental na estratégia discursiva sobre a história política de Portugal, a construção de uma interpretação da Ibéria anterior ao seu período áureo que localizasse pela via de um raciocínio de base aristotélica⁷ a pré-existência do ato moderno adventício como condição e justificativa do desenvolvimento orgânico da modernidade ibérica que acalentava em suas utopias políticas. Com efeito, a construção da modernidade localizada no futuro da Ibéria, dependia fundamentalmente da construção do discurso sobre o seu passado, pois o primeiro vinculava-se organicamente ao segundo na estratégia intelectual desenvolvida pelo intelectual açoriano. Desta feita, revolução na Ibéria não poderia ser mais do que "*....séries de evoluções*".⁸

No entanto, ao contrário do que uma mirada ingênua na reflexão anterioriana sobre a relação entre as idéias de evolução e revolução poderia sugerir, o intelectual açoriano não pensou a idéia de revolução como série de evoluções por rejeitar ou postergar uma ruptura com a sociedade portuguesa de sua época. De forma distinta, era exatamente em função dessa causa, a da ruptura com a sociedade lusa de sua contemporaneidade, e a instituição futura de uma sociedade socialista, que Antero de Quental criou o artifício discursivo que fez pensar a idéia de revolução a partir do conceito prévio de evolução. Eis aí o que poderia ser tomado como paradoxo do pensamento político de Antero: ter a evolução como pré-requisito básico da revolução. Só se opera a revolução, evoluindo.

A rigor, esse paradoxo é aparente. Sua coerência dá-se a perceber na crítica que Antero faz à então recém lançada obra de seu amigo, Oliveira Martins⁹. Este,

⁷ Referimo-nos aqui a já aludida relação entre ato e potência em Aristóteles.

⁸ Antero de Quental (org.). O pensamento social, n. 3, março de 1872. Apud. Joel Serrão (org.). Prosas sócio-políticas. Lisboa: Presença, 1988. P. 66.

⁹ A obra referida é: J. P. de Oliveira Martins. Teoria do socialismo, evolução política e econômica das sociedades da Europa. Lisboa, 1872. A crítica do intelectual açoriano à esta obra

pretendendo projetar o socialismo europeu a partir de uma referência universalista, própria do iluminismo, pensou-o a partir da idéia de progresso, um progresso retomado a partir do século XV, após um retrocesso expresso pelo medievo¹⁰. Tal idéia, deveria portar uma linearidade crescente, com ênfase em uma melhora constante, o que tornaria o desejado futuro socialista europeu assegurado por uma leitura teleonômica da história. E aí, neste ponto, que Antero deposita a sua crítica a Oliveira Martins. Percebendo que a história do colega da Geração de 1870 era pensada não a partir da historicidade própria da Ibéria, mas de um progresso universalista europeu de caráter meta-histórico, ficava claro para o intelectual açoriano o desalinho desse itinerário histórico-teleonômico com a tradição da Ibéria; sua trajetória histórica, marginal à lógica teleológica concebida ao continente europeu e sua modernidade, na qual, claramente, Portugal não enquadrava-se.

Segundo Antero de Quental:

"Discordo da maneira por que o sr. Martins encara, na sua generalidade, a idade média, considerando-a como um período de retrocesso em relação à civilização greco-romana, durante a qual os elementos evolutivos dessa civilização estacionassem (experimentando alguma coisa análoga àquilo que em filosofia se chama interrupção de desenvolvimento), em virtude das sabidas causas etnológicas, sociais e morais que determinaram a dissolução do mundo antigo, de tal sorte que todo o movimento europeu, durante aqueles nove ou dez séculos, se reduziu, de um lado, à tradição greco-romana, no que ela tinha de já definitivo e não evolutivo, isto é, o cristianismo e o Império, e de outro lado, ao reaparecimento de elementos primitivos, os bárbaros, que apenas repetem extemporaneamente, fases sociais, que a civilização antiga, havia já séculos, tinha atravessado. Daqui parece o autor concluir que a evolução normal da civilização foi perturbada, durante um certo período, pela evolução violenta de elementos estranhos, constituindo uma como que massa indigesta, cuja laboriosa digestão, produzindo uma letargia secular, explica suficientemente a interrupção do desenvolvimento que descobre na "Idade Média".

do seu amigo da Geração de 70 é encontrada em Antero de Quental. Cartas inéditas de Antero de Quental à Oliveira Martins. Coimbra, 1931.

Não sem ironia, Antero de Quental aponta um paradoxo inerente à teoria do progresso iluminista que Oliveira Martins assimila do pensamento sociológico da Europa oitocentista. Como poderia o Ocidente evoluir se apresentou um período de estagnação de novecentos anos ? Como explicar o progresso europeu tendo em vista o interlúdio medieval ? Esses são questionamentos que Antero de Quental coloca não somente ao amigo da Geração de 1870, mas também a si. Acerca de dois anos antes de sua crítica à idéia de desenvolvimento europeu de Oliveira Martins, o próprio Quental havia apontado um interregno entre os tempos áureos da Ibéria. Este, localizava-se entre a seção de tempo que compreende a antigüidade, medievo e inícios da modernidade, e o socialismo utópico vindouro do imaginário de Quental.

Não obstante a reflexão sobre o trabalho de Oliveira Martins ter feito Quental levar em conta o que pensara em seu texto clássico sobre a decadência da Península Ibérica, a questão que suscitamos é outra, e não limita-se à idéia de evolução, embora não prescindida dela. A questão é qual a natureza da visão de história de Antero de Quental e como ela pode coadunar-se com um par necessariamente articulado para um socialista utópico historicista, a saber: o par que vincula a possibilidade de revolução socialista com a singularidade da tradição da Ibéria.

Esse par vinculado leva Antero de Quental a uma articulação necessária entre futuro e passado, no qual o acontecido é percebido como condição de possibilidade da construção de um horizonte futuro. Isso só é possível, pois a história para Antero de Quental não é mero dado pretérito, mas tem um efeito ontológico que realiza uma presença para adiante. Assim, na percepção da história do tribuno da geração de 70, o futuro já o é, *in potentia*, no passado.

Tendo em vista esse princípio, a construção do discurso histórico sobre a Ibéria tornava-se decisivo no plano das idéias e perspectivas utópicas que Antero pretendia para projetar o futuro de Portugal. Com efeito, se o futuro já o é ontologicamente como potência na história, fazia-se imperativo à Antero desenhar um passado português que autorizasse sua utopia socialista que julgava adventícia.

¹⁰ Podemos perceber isso na explicação do verbete progresso nos diversos dicionários da língua portuguesa editados em Portugal na segunda metade do século XIX, tais como o de Aulete Caldas, Henrique Brunswick e o de Moraes, entre outros.

Assim, para além das inegáveis evidências de decadência ibérica nos últimos três séculos, a construção do discurso de Antero sobre a história portuguesa anterior a este período foi feito não somente em tom laudatório, ressaltando os feitos da resistência lusitana à invasão romana e as conquistas intelectuais da Ibéria na baixa Idade Média, mas também, e sobretudo, criando um padrão sócio-político distintivo para a península no cotejo com o restante da Europa Ocidental. Eis um trecho da descrição do fulgor Ibérico nas palavras do próprio Antero:

"Logo na época romana aparecem os caracteres essenciais da raça peninsular: o espírito de independência local, e originalidade de gênio inventivo(...)

Na idade Média a Península, livre de estranhas influências, brilha na plenitude de seu gênio, das suas qualidades naturais. O instinto político de descentralização e federalismo patenteia-se na multiplicidade de reinos e condados soberanos, em que se divide a península, como um protesto e uma vitória dos interesses e energias locais, contra a unidade uniforme, esmagadora e artificial.

Dentro de cada uma dessas divisões, as comunas, os forais, localizam ainda mais os direitos, e manifestam e firmam com um sem número de instituições, o espírito independente e autonômico das populações. E esse espírito não é só independente: é quanto a época o comportava, singularmente democrático. Entre todos os povos da Europa central e ocidental, somente os da Península escaparam ao jugo de ferro do feudalismo.¹¹"

Primeiramente, faz-se notar um sentido de naturalização da cultura Ibérica. Termos como "*instinto*", "*qualidades naturais*" e "*artificial*", em oposição ao que é da natureza da coisa, aparecem vastamente na sua descrição do passado peninsular. Para Antero de Quental, a história da Península Ibérica não goza somente de singularidade no âmbito da Europa Ocidental, mas também, mais do que isso, de uma natureza que lhe é própria, tal como uma sociedade em estado de "bom selvagem", à moda de Rousseau.

Se a história medieval da Europa registrou a artificialidade política do feudalismo e seu "*jugo de ferro*", na mesma época, a Ibéria vivia um período que, no dizer de Quental, foi "*singularmente democrático*". Enquanto a servidão submetia a liberdade dos homens no restante do continente, a Península Ibérica

¹¹ Quental, Antero. Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. In: Prosas escolhidas. Pp. 95-142. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942. P. 98-99.

viveu uma era de comunas livres que, pela iniciativa de seus comunais, associavam-se em federações, dando continuidade a tradição de povo livre e indômito que habitava a Ibéria a época da invasão romana.

Ainda não conspurcada por uma artificialidade que a poupara no medievo, Antero de Quental vê a península ser acometida deste mal de maneira mais contundente que o restante do continente na era moderna. Desde fins do século XVI, a Ibéria teria assumido um movimento de decadência que então duravam três séculos. E é aí que reside uma questão decisiva para o caráter da visão de história de Antero de Quental. A trajetória realizada pela Ibéria nesta época desautoriza as possibilidades do seu ingresso no percurso histórico paradigmático do desenvolvimento da modernidade européia. À Península Ibérica era negada não somente o caminho modelo para a modernidade, como também, obviamente, dada a sua historicidade nos últimos trezentos anos, a própria lógica de desenvolvimento histórico que o iluminismo europeu conferiu à si: a lógica do progresso. "*gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história*".¹² Assim, tendo a sua tradição negado-lhe o progresso, só restava ao intelectual açoriano pensar a história Ibérica e o seu caminho para a modernidade enquanto evolução. Como já pontuamos, a idéia de evolução é distinta daquela de progresso. Enquanto a última supõe uma projeção adiante em melhoria continuada, a evolução supõe movimentos que admitem avanços e retrocessos nos seus elementos potenciais, que podem ser ora desenvolvidos, ora restritos no todo orgânico que evolui.

No entanto, como observamos no dicionário Moraes da época, a idéia de evolução incorpora uma relação aristotélica de ato e potência. Mesmo em períodos de retrocessos quanto ao desenvolvimento de elementos potencialmente nobres do organismo social e político ibérico, estes ainda estariam presentes de forma latente, podendo, em algum momento da história da península, serem fomentados no seu desenvolvimento.

Assim, a partir de uma história pensada enquanto evolução é que a Ibéria poderia chegar ao caminho da modernidade pela via da revolução como sucessão de evoluções. Tal assertiva contém em si um paradoxo nos quadros do

¹² Antero de Quental. *Prosas*, vol. II, Apud. Joel Serrão. Op. cit. p. 47.

iluminismo. A evolução de sua história conduz a Península Ibérica ao futuro não pela superação do seu passado, mas pelo seu retorno a ele, pelo resgate que opera das linhas mais nobres de sua tradição. Um movimento de evolução.

O que poderia ser lido como um paradoxo nos quadros do iluminismo, não o seria nos quadros da tradição romântica. Muito embora tenha questionado a literatura romântica¹³, sobretudo quanto ao seu caráter esquivo no que diz respeito aos problemas sociais portugueses, Antero foi fruto de uma formação intelectual coimbrã de caráter romântico. Não sem sentido, António Sérgio, um dos maiores historiadores românticos do Oitocentos, foi fortemente influenciado pela sua leitura da história lusa, sendo declaradamente seu discípulo.

Para um intelectual que pensa no século XIX a partir de uma tradição romântica, o passado não é ultrapassado, mas antes presença, ser aí¹⁴, com um caráter ontologicamente positivo. É identidade indelével e um dado concreto da existência contemporânea. Por isso, nos quadros de uma leitura romântica de história, evoluir a partir da conservação de elementos do passado, com vistas a um vir a ser de um futuro melhor, não constitui contradição, nem tampouco um paradoxo. O progresso como sucessão de evoluções que incorporam o passado rumo à revolução constitui apenas um aparente paradoxo no pensamento de Antero de Quental.

No entanto, tomando por base essa premissa, uma questão impõe-se a Antero a partir de sua leitura da história de Portugal: como pôde Portugal registrar três séculos de decadência após o esplendor de sua Antiguidade e de seu Medievo ? Onde aloca-se o vigor da presença deste passado durante os três últimos séculos de Portugal ? Para isso, Antero de Quental responderá que não há algo como uma "suspensão da historicidade". Que, não obstante os vícios de instituições repressivas e não representativas do povo português, como o Estado absolutista, esmagador das gentes e a Igreja Católica, censora do livre pensamento pela imposição de uma moral contra-reformista; permaneceu ali uma moral comunal

¹³ Sobre este questionamento, ver a carta missiva Bom senso e Bom gosto, de Antero de Quental à Feliciano de Castilho, quando este fora reitor da Universidade de Coimbra. In: Antero de Quental. Prosas escolhidas. Seleção e prefácio de Fidelino de Figueiredo. Rio de Janeiro: Livros de Portugal Ltda., 1942.

¹⁴ Estamos nos referindo ao conceito de Dasein de Heidegger. Ver: Martin Heidegger. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2002.

como substrato daquela sociedade do Medievo, fornecendo então a base para dela evoluir em direção a uma revolução que tornasse a Ibéria uma federação de comunas.

A construção desse discurso histórico sobre Portugal é informada pela adesão de Antero de Quental ao ideário de Proudhon, que marcou a sua formação desde os tempos de universidade¹⁵. O jovem coimbrão encontrou no socialismo utópico do intelectual francês não somente o futuro, mas também o passado da Ibéria. Afinal, em sua leitura romântica da história, o tempo vindouro dependia da constituição de seu passado. Para o socialismo utópico ibérico projetar-se teleologicamente no seu futuro, tinha que estar, antes, alocado no seu passado.

Para o desejado advento de um anarquismo próprio da Ibéria, fazia-se imperativo a construção de um discurso histórico sobre Portugal que o localizasse no seu passado, a fim de possibilitar uma revolução como resultado de uma série de evoluções. Ou seja, a teleologia que conduziria ao futuro Ibérico só o faria pela evolução de seu passado, pelo substrato de uma sociedade que nunca deixou de ser presença em Portugal, mesmo durante o período de sua decadência.

Conclusão:

Como Antero de Quental percebia que a Ibéria apresentava uma tradição muito distinta do modelo padrão da modernidade européia, ficou-lhe pouco plausível pensar a revolução como corolário lógico de uma superação histórica, o que era próprio da idéia de progresso. Assim, concebeu a história Ibérica como desenvolvimento de características orgânicas latentes em Portugal, ou seja, o resgate da origem, do que foi, a fim de evoluir-lhe para um novo vir a ser. Esse devir é pensado não como superação histórica, mas como conservação orgânica em um processo de transformação. Não se trata aí de pensar que o novo não pode surgir na história, mas de que este novo só se opera como tal nos quadros de um passado que é fundamental para a sua constituição. Daí a fórmula política célebre de Antero de Quental: "revolução como série de evoluções".

¹⁵ Sem dúvida, segundo todos os principais estudiosos de Antero de Quental, Proudhon foi o intelectual que mais fortemente influenciou Quental no plano político.

